

Texto sobre a exposição "Açúcar", 2016.

Máquina de movimento perpétuo, a diabetes e a produção do açúcar. Não quero comprovar a linha que inicia estas poucas palavras aqui. Desejaria escapar a essa responsabilidade; são esses trabalhos de Antonio que me trouxeram até ela. Só se fosse o caso de medir o açúcar pelo gosto que deixa na minha língua. Mas convivo com Antonio e já o vi de três em três horas se alimentar e medir seu índice glicêmico. Me parece impossível não associar, num contínuo, o consumo do açúcar e sua distribuição quando se tem de medir-se afim de encontrá-lo em si.

Por viver à espreita da glicose em seu sangue, Antonio me parece consubstancial ao próprio açúcar e às dinâmicas sociais que o possibilitam amplamente. Só assim sua figura recorrente em fotografias e sangue sobre papéis me oferece leitura. Antonio é um só com os cortadores de cana em condições análogas à escravidão, que, por sua vez, são um só com o rótulo que vejo ensacar as quantidades refinadas que uso como adoçante mensalmente. Mas essa coligação vai além e, em seu procedimento artístico, em claro diálogo crítico com certas produções modernas e contemporâneas, representações científicas e estimativas relacionadas ao açúcar se amalgamam ao performático, ao desenho de matriz conceitual, à abstração geométrica. Consubstancial às dinâmicas sociais mais doces se coloca então este artístico que, já não mais seguramente distante em etnia e sujeição como nos momentos de impulso etnográfico, hoje se encontra em união irrevogável com aquele que poderia ser seu outro, mas que agora é seu agente ou saqueador.

Jandir Jr.

Artista Visual, Graduado em Artes Visuais/Escultura na EBA/UFRJ e na Universidade das Quebradas pelo PACC/UFRJ, amigo e Fã.